

sobre tudo

ELOGIO AO OFÍCIO DOCENTE: UMA EXPOSIÇÃO⁶³

Karen Christine Rechia⁶⁴

Elogio da Escola é uma espécie de grande projeto que se desdobra em várias atividades que acontecem desde agosto de 2016, em Florianópolis, ilha de Santa Catarina, no sul do Brasil. Toda a mobilização intensiva em torno de ideias, exercícios e escritas partiu de uma proposição de Jorge Larrosa:

Elogio. Do latim *elogium* e do grego *elegeion*. Com raiz indo-europeia *leg* remete a uma inscrição, normalmente um dístico, escrita sobre uma tumba ou sobre uma imagem com

⁶³ Texto que abriu a exposição “Elogio ao ofício docente”, no Espaço Estético do Colégio de Aplicação da UFSC, em setembro de 2018. Este “exercício de pensamento”, como assim o denominamos, foi apresentado no II Seminário Internacional “Elogio da Escola: sobre o ofício de professor”, no mesmo mês. Esta experiência será detalhada no livro “Elogio ao Professor”, com prazo de lançamento previsto pela Editora Autêntica em 2020. Mais informações sobre este conjunto de atividades podem ser acessadas em <https://www.elogiaescola.com/>.

⁶⁴ Doutora em Educação pela UNICAMP. Professora de História do Colégio de Aplicação CA/UFSC. Contato: krechia@gmail.com.

a intenção de louvar ou elogiar o defunto ou o personagem. Daí seu parentesco com epitáfio (formada pelo prefixo *epi*, sobre, e o substantivo *taphos*, tumba) e com elegia (composição poética, normalmente escrita em dísticos, para lamentar a perda de algo ou de alguém).

Escola. Do grego *scholé*, literalmente tempo livre, traduzido para o latim como *otium*, ócio. O termo latino *schola* designa o lugar ou o estabelecimento público destinado ao ensino. Poderíamos dizer que a palavra escola remete, fundamentalmente, ao tempo (livre) e ao espaço (público) dedicado ao estudo.⁶⁵

Neste ano de 2018 decidimos “elogiar” o ofício de professor. Assim enunciamos:

As novas formas de definir a "função docente" (aquelas que derivam da chamada "cultura de aprendizagem") estão destruindo o ofício de professor. Com o fantoche educacional das críticas ao professor tradicional, com a chantagem empresarial da inovação e qualidade, com a redefinição das funções da escola, e com a ajuda, muitas vezes, de uma linguagem anti-institucional e anti-autoritária digna de melhor causa, esse ofício que Hannah Arendt relacionava com a transmissão e renovação do mundo comum está sendo desqualificado e arrasado, e as pessoas que o exercem estão sendo

⁶⁵ LARROSA, Jorge (org.). **Elogio da Escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. Pp. 10-11.

redefinidas como mediadores, *coaches*, animadores de aula, treinadores de competências, gestores de emoções ou impulsionadores da aprendizagens autônomas, ao mesmo tempo em que estão sendo submetidas, cada vez mais, ao controle e à reciclagem permanente, à precariedade laboral, à perda de sua autoridade simbólica e de sua autonomia profissional e, o que é pior, à dissolução do sentido público (e, portanto, independente) de seu trabalho.⁶⁶

Neste sentido, a presente exposição é fruto de encontros de docentes do Colégio de Aplicação da UFSC e de docentes de instituições públicas que ali estagiam, e também de ex e atuais estagiários de licenciatura. Nos reunimos para produzir exercícios e pensamentos sobre o ofício docente, numa escola que forma professores.

Os encontros ocorreram desde outubro de 2017 e seguem em andamento. Começamos com a observação, descrição e insistência em torno do filme *Ser e Ter* (2002). Passamos depois, das cenas e dos gestos daquele professor, o do filme, a observar e talvez, tentar capturar, outras maneiras de ser e estar de outros professores ao nosso redor.

São exercícios inacabados, mas que olham amorosamente para cenas, gestos e materiais ordinários, que comportam a força e intensidade deste ofício.

⁶⁶ Disponível em <https://www.elogiodaescola.com/apresentacao-2>. Acesso em: jun/2019.

Parte desses exercícios aqui expostos foram apresentados no II Seminário Internacional Elogio da Escola entre os dias 24 e 26 de setembro de 2018 no auditório do EFI/UFSC, em Florianópolis, SC.

Coordenação Geral/Elogio da Escola

Caroline Jaques Cubas (LEH/FAED/UFSC)

Jorge Larrosa (Universidade de Barcelona)

Karen Christine Rechia (LEHCA/CA/UFSC)

Grupo de Estudos, Formação e Exposição 67

Amanda Nicoleit

Arielle Rosa Rodrigues

Caroline Jaques Cubas

Fernando Leocino da Silva

Giorgia Enae Knabben Martins

Gláucia Dias da Costa

Gustavo Grillo

Karen Christine Rechia

Mariani Casanova

Paula Pereira Rotelli

Thereza Cristina Bertazzo Silveira Viana

Colégio de Aplicação, primavera de 2018.

⁶⁷ Também em 2018 foi criado o Grupo de Pesquisa “Elogio da Escola”, com o objetivo de dar continuidade a estes encontros de estudos e exercícios.



KEEP CALM
AND
ENJOY THE
REGGAE

UFSC

UFSC

UFSC

Forom

Foto 1: Cadernos do Professor.
Thereza Cristina Bertazzo Silveira
Viana e Arielle Rosa Rodrigues, 2018.

Heterocronias e heterotopias no Caderno do Professor: um tempo outro e um espaço outro

Thereza Cristina Bertazzo Silveira Viana⁶⁸

Arielle Rosa Rodrigues⁶⁹

Para falar sobre os exercícios que fizemos acerca do ofício do professor e a constituição da obra que foi exposta no Espaço Estético do Colégio de Aplicação da UFSC em setembro de 2018, durante o II Seminário Internacional Elogio da Escola, quero trazer a palavra **ideia**, que está no livro *P de Professor*, de Jorge Larrosa e Karen Rechia.

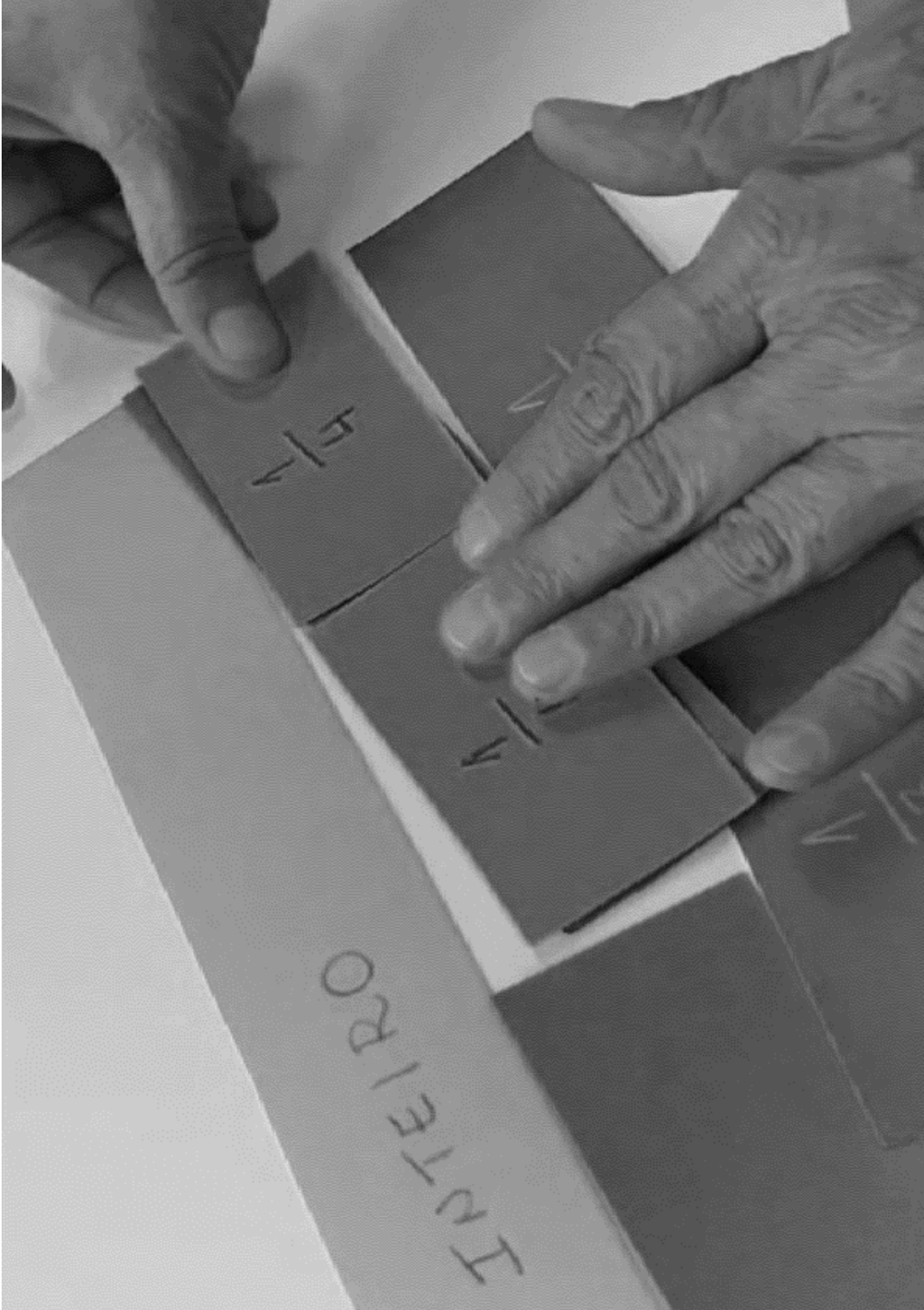
Uma ideia é algo que se encontra em algum lugar ou em algum tempo, que já existe de antemão, mas que é preciso encontrar, para que se materialize. Por isso, são as ideias que são poderosas com as pessoas e não as pessoas que são poderosas com as ideias.

O “caderno do professor”, feito de diversas maneiras e com diferentes funções, já estava aí, já existia nos nossos fazeres cotidianos. Mas ele ainda não havia sido encontrado como uma **ideia**. Ao pensarmos nos artefatos que compõem o ofício do professor, ao discutirmos sobre as diferentes maneiras e ferramentas utilizadas, surgiu a ideia de olharmos para os nossos próprios cadernos, analisá-los e fotografá-los.

⁶⁸ Professora de Sociologia do Colégio de Aplicação CA/UFSC. Doutora em Ciências Sociais/UFRN. Contato: therezacristinaviana@gmail.com.

⁶⁹ Mestra em História Cultural/UFSC e doutoranda em História Social pelo Programa de História Social/USP. Contato: ariellerosarodrigues@gmail.com.

Desse modo, a concepção deste trabalho foi gestada na análise cuidadosa dos cadernos das professoras e professores e materializada nas fotografias que compuseram a exposição, agora representada por uma delas, como esse espaço outro (heterotopia) e esse tempo outro (heterocronia), que marcam a importância dos cadernos de notas no ofício do professor.



I 121E120

1/4

1/4

1/4

Foto 2: Materiais curriculares.
Paula Pereira Rotelli, 2018.

Materiais curriculares e não-curriculares que materializam o cotidiano docente

Paula Pereira Rotelli⁷⁰

Por materiais curriculares entendemos serem todos aqueles objetos, artefatos, instrumentos ou meios dos quais fazem uso os professores. Estes podem ser utilizados no desenvolvimento da aula ou no planejamento e avaliação desta.

Por materiais não-curriculares entendemos serem aqueles que servem como suporte ao professor nos seus momentos fora da sala de aula e que lhe auxilia na rotina docente, ou seja, objetos que não estão relacionados diretamente com o planejamento, desenvolvimento ou avaliação da aula.

Este trabalho, portanto, faz um elogio ao professor ao destacar os materiais (curriculares e não-curriculares), que carregam consigo e com os quais dividem uma cumplicidade na sua rotina docente.

⁷⁰ Professora de Educação Física do Colégio de Aplicação CA/UFSC. Mestre em Educação/UFSC. Contato: paula.rotelli@ufsc.br.



Foto 3: Mesas de ofício.
Fernando Leocino da Silva, 2018.

Mesas de ofício: o fazer de professor em cirandas de saberes

Fernando Leocino da Silva⁷¹

A sirene toca. As mesas ainda estão vazias, mas nos próximos minutos e até que um novo sinal anuncie o término da aula elas se tornam espaço do movimento (ou espaço em movimento). Os instrumentos escolhidos dançam sobre a mesa. Nunca param no mesmo lugar. Em ordem alfabética, na chamada, destinos na mesa do professor. O livro é aberto, lido, fechado e substituído por um outro. Um novo texto, uma nova narrativa, um momento. No estojo uma paleta de cores. As canetas (que já não tem pó) vão e voltam do quadro. Listas de exercício, exercício do saber, do fazer, ofício do professor. Papéis, papéis e papéis. Ainda há espaço para o apagador (apagar a dor?). Bolsas, pastas, sacolas... e a água (não se pode esquecer da água!). Documentos escritos, escrituras – tempo/espaço – bateu o sinal. E começa tudo outra vez.

⁷¹ Professor de História do Colégio de Aplicação CA/UFSC. Mestre em Educação/UFSC e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação/UNICAMP. Contato: fernando.leocino@ufsc.br.

DOCUMENTÁRIO
o Fascismo no sul

Pasi Sahlberg

Lições finlandesas

STEPHEN GREENBLATT

DA

OLIVIERO TOSCANI

CAMINHOS DO HOMEM



UFSC
UM MUNDO de
POSSIBILIDADES

QUARTA	SEXTA	SÁBADO
1	2	3
8	9	10
16	17	
23	24	
30		

Outubro

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

Dezembro

1	2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31	



Foto 4: Oficina/escritório/estúdio:
Mesa de trabalho do professor e
alguns artefatos do ofício.
Glauca Dias da Costa, 2018.

[270]

Antes de começar, depois de terminar

Glauca Dias da Costa⁷²

Em 1885 professores das três escolas públicas de Desterro encaminharam ao então presidente da província de Santa Catarina, João José Coutinho, um ofício solicitando a compra de materiais necessários realizarem seu trabalho. Naquele momento, a instrução pública se colocava como um problema civilizacional e falta de escolas e professores era sinônimo de falta de progresso, por isso, os ilustres moradores da capital de Santa Catarina cobravam uma atitude de seu presidente, que diante da pressão popular autorizou a compra de materiais para uso exclusivo dos professores. Foram eles: 1 livro de 100 folhas, pautado, para matrícula; 1 dito de 5 folhas, pautado, para turnos; 1 par de tinteiro de chumbo; 1 campainha de metal branco; 1 canivete para aparar penas e 1 régua grande⁷³. Mais do que equipamentos pedagógicos para serem usados em sala de aula, o que foi entregue aos professores foram artefatos fundamentais para a realização de um ofício, que se realizava com mais ou menos eficácia conforme as ferramentas disponíveis fossem mobilizadas. Esses artefatos nos dão pistas para pensarmos a história da educação a partir de sua materialidade, mas nos

⁷² Professora de História do Colégio de Aplicação CA/UFSC. Mestre em História/UFSC e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação/UFSC. Contato: glauca.costa@gmail.com.

⁷³SCHIMIDT, Leonete; SCHAFASCHEK, Rosicler; SCHARDONG, Rosmeri. **A educação em Santa Catarina no século XIX**. Florianópolis: DIOESC, 2012. P. 182.

ajudam também a compreender a “natureza” do trabalho do professor, que não se inicia com o sinal sonoro que marca o começo da aula e que não termina quando a aula acaba.

Algo que caracteriza o ofício docente é o preparo de aulas e para que a aula aconteça é necessário antes dispor de um tempo e um espaço para tal. Também são necessários materiais, ferramentas que são manipulados para produzir essa ou aquela aula. Deste modo, as mesas de trabalho de professores testemunham momentos cruciais da labuta e nos permitem ver aquilo que é invisível na sala de aula: o vazio de ideias, a busca por objetivos, o estudo, o ensaio do gesto, a montagem de textos-pensamentos, o café que aquece ideias e as avaliações que continuam o trabalho que não acaba.

O objetivo desta seção da exposição foi dar a ver o que está posto à mesa de trabalho do professor e que é fundamental para a produção, mas é invisível na sala de aula: de pedra à pena, de tesoura ao livro, de caneta à caneca. Objetos ressignificados, ora organizados, ora imagens do caos. Mesas e artefatos que materializam e produzem aulas e pensamentos.

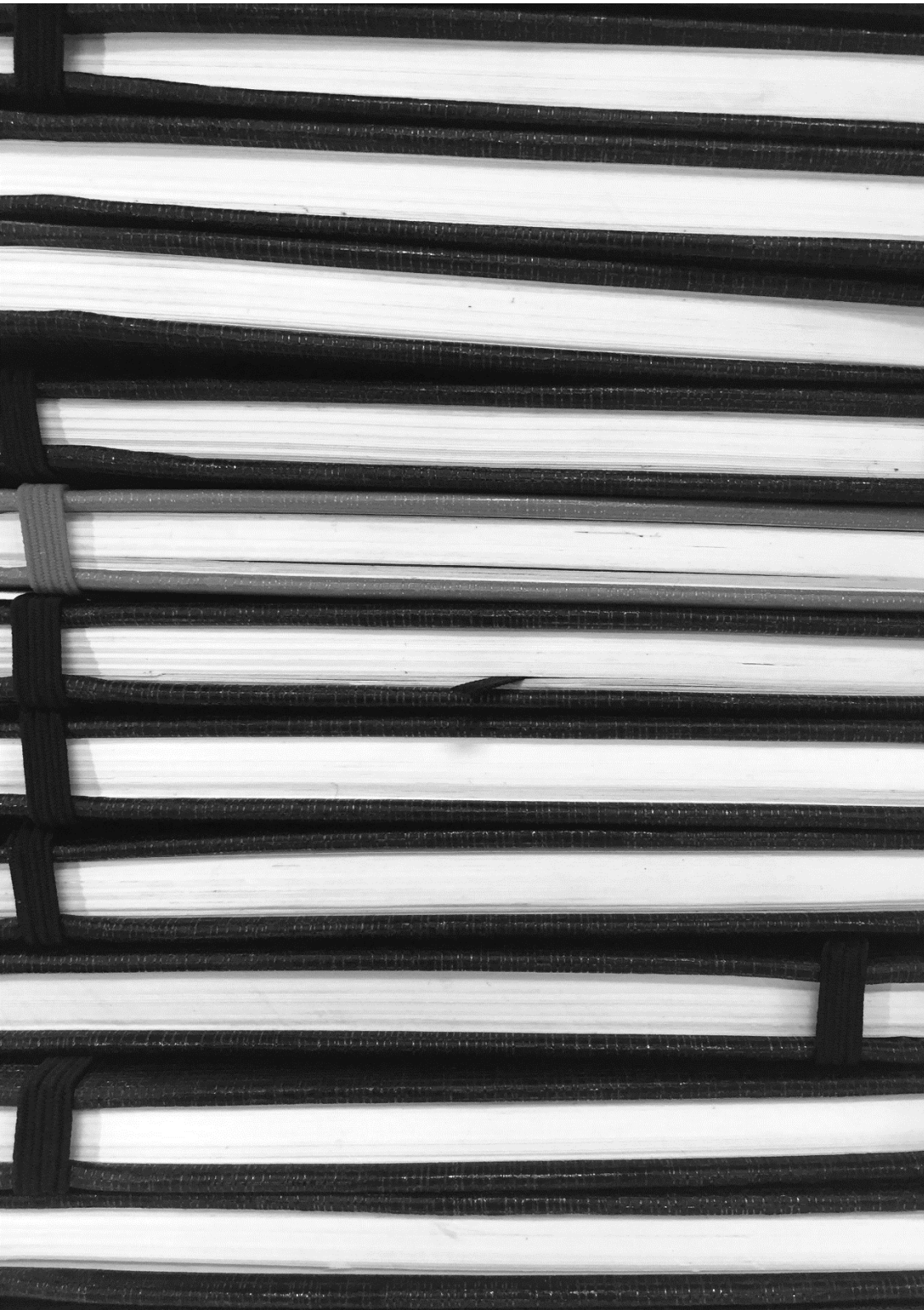


Foto 5: Cadernos de estudantes. Amanda Zuffo Nicoleit dos Santos de Azevedo Grillo

Rasuras ressonantes

Amanda Zuffo Nicoleit dos Santos
Gustavo de Azevedo Grillo
Mariani Casanova da Silva⁷⁴

O caderno - entidade presente durante a quase totalidade de nossas vidas escolares - é muito mais do que apenas uma ferramenta de notação. É um dispositivo múltiplo, seja nas funções ou sentidos que atribuímos a ele. Os rabiscos que fazemos entediados ou ansiosos, as palavras soltas circundando o conteúdo da aula, as folhas que rasgamos ou deixamos em branco, tudo isso compõe um lugar que acaba por se tornar uma espécie de espelho. Se estamos dispostos a prestar atenção na aula, o caderno é um possível vetor de atenção por meio do registro escrito. Se estamos distraídos (seja lá por qual motivo), ele também nos abriga enquanto espaço de fuga. Até mesmo seu esquecimento é uma reflexão do momento onde nos encontramos.

Sendo um dispositivo tecnológico escolar que ressoa aquele que dele faz uso, o caderno se apresenta para nós não apenas como uma fonte primária, mas também como uma espécie de mula - notoriamente conhecida por sua resistência e

⁷⁴ Em 2018 foram estagiários do Curso de História da UDESC, sob orientação da professora Caroline Jaques Cubas/FAED/UDESC e coorientação da professora Karen Christine Rechia, do Colégio de Aplicação/UFSC. Contatos: amanda.nicoleit@gmail.com; gustavo.swift@gmail.com e mariani.hst@gmail.com

adaptabilidade - que é capaz de trilhar (e nortear) o longo e tortuoso caminho metodológico ao qual nos propomos. Ele é o ponto de partida (desde o planejamento das aulas) e de chegada (a análise do caderno em si), nos acompanhando durante todo o processo. Este exercício de uso dos cadernos - onde a turma faz todas as suas atividades e registros relacionados às aulas de História - foi proposto à turma do 1A dentro da disciplina Estágio Curricular Supervisionado III. Para além de seu papel tradicional, o aprender a estudar aflora dessa prática de maneira intrínseca ao nosso fazer pedagógico - as tentativas, rasuras, apagamentos e rabiscos se tornam a substância da exploração e do trilhamento rumo ao estudo.

Desse processo, a materialização dessas relações entre os/as alunos/as e as aulas se dá nos cadernos. Para nós, futuros/as professores/as e historiadores/as, essas fontes são rastros tanto do nosso processo de estágio, como de toda nossa formação acadêmica que nos levou até aqui. Finalizar as trajetórias no curso de História com um material tão nobre (pois advém da vontade e do fazer de nossos/as alunos/as) é, de maneira simbólica, algo que nos marcará, tanto em nossos cadernos quanto em nossas vidas.



Foto 6: O gestual que se repete, mas se distingue. Foto da professora Giorgia Enae Martins Knabben, 2018.

[278]

O gestual que se repete, mas se distingue: outros espaços, mesmo professor

Giorgia Enae Martins Knabben⁷⁵

O olhar que vê, que presencia, que acolhe, a intenção que fala e que também silencia, que se dedica na experiência de troca, na relação, no ensino-aprendizagem. Falamos aqui daqueles que vivem a escola e nela constituem-se como sujeitos, a partir dela constroem seus gestos, escolhem seus artefatos de apoio e configuram-se na persona. Falamos aqui do professor, daquele que transforma o que sabemos, que concede a liberdade do pensar, que partilha e que afecta. Este exercício de registro parte do olhar de quem vê o professor, filmado das mãos do aluno, daquele ângulo, daquele lugar. A mesma aula para três turmas diferentes em sequência. Há padrões, mas também diferenças, mesmos objetivos, mas processos distintos. Gestos, olhares registrados, marcas sociais aprisionadas pelo recurso visual, mas dispersas no tempo livre da skholé.

⁷⁵ Foi professora de Educação Física do Colégio de Aplicação/UFSC, nos anos de 2017 e 2018. Mestre em Educação/UFSC. Contato: giorgiaenae@yahoo.com.br.